

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARÃES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1\$200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tenham ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Bolas de sabão

Iniciamos novos trabalhos, puramente originaes, tendentes a desenvolver com novos argumentos, com novas alavancas a celebrada e desejada lei do descanso dominical.

Nada esperamos do regimen politico actual, mas convém não abandonar a lucta ou desprezar a pretensão. As discordias intestinas na classe parecem-nos estar completamente sanadas e a sequencia d'essa paz presente seria uma magnifica corôa para glorificarmos o decretamento da ambicionada lei, se da parte dos estadistas d'hoje houvesse o necessario bom senso ou a comprehensão justa do nosso pedido.

N'um regimen de corrupção e pouca moralidade como o que nos governa, as medidas sensatas, as leis que attestem o estado adiantado da intellectualidade do povo nada representam, ou são elementos banaes e de futil interesse, que a sua não existencia passa desapercibida e portanto nenhum valor merecem. E' facto que o alcance geral da lei que desejamos não vae transformar o estado financeiro da nação; bem o sabemos e não é com esse absurdo paradoxo que nós queremos impôr a nossa ideia, ou eleva-la como indispensavel. Se assim argumentassemos, com certeza tomar-nos-iam por loucos, mas as nossas palavras tinham sempre a mesma interpretação, e os nossos pedidos eram tambem desatendidos totalmente como se clamassemos por soccorro em um vasto deserto.

Bolas, sempre bolas de sabão, eis o estribilho com que são comprehendidos os nossos desejos e chasqueadas as nossas continuas lamurias. Ora desejos recebi-

dos com estribilhos ironicos e lamurias chasqueadas com graças pueris, é diplomacia que não agrada a ninguem e são indelicadezas que irritam quem comprehende o que pede. A um pedido justo attende-se, a uma pretensão tola e inconcebivel nega-se todo o apoio, declara-se terminantemente o conceito que merece. Má politica a dos tempos actuaes: em epocas passadas a comunidade, de governantes e governados, entendia-se perfeitamente e uma recusa franca a ninguem offendia, a ninguem provocava odios ou motivos para conflictos. Hoje tudo é novo: os caixeiros querem seguir pela evolução uma causa que só a revolução pôde implantar; os politicos trapaceiam, mentem, fogem a uma satisfação summaria e formal porque exitam dizer: «arranjam votos ou contractos de tabacos e tudo conseguiremos».

Bolas, sempre bolas de sabão, tambem nós dizemos. Mas com bolas de sabão não se decretam leis, nem se organisam projectos. Politicos d'hoje e bolas de sabão confundem-se, assemelham-se; a transparencia e a duração é identica, é ephemera, é nulla. Devemos confiar nos novos trabalhos que empreendemos? Não o adivinhamos; contudo, a nossa energia não fraqueja, continua impavida, seguindo sempre com o mesmo ardor. Se só fosse preciso energia para conseguir a nossa pretensão nada nos detinha: desde a construcção d'uma barricada onde expuzessemos os nossos peitos, até ao combate encarniçado em campo raso.

Luctar pela sua liberdade,
é obrigação de todos os opprimidos.

AGUILHOADAS

E' já tempo de voltarmos a dar materia para as *Aguilhoadas*.

Hoje vou consagra-las, em parte, aos trabalhos que, com o louvavel fim de conseguir a lei do descanso dominical, *A Fraternidade* traz em preparo.

Este jornal, em seu ultimo numero, sollicita da imprensa de todo o paiz a maior propaganda da causa dos empregados commerciaes, e pede tambem á classe que continue, com persistencia, a luctar para o mesmo fim.

A meu ver, os trabalhos d'este quinzenario devem dar resultados bons, se a classe souber interpretal-os do modo que merecem, e quizer encorajar-se para uma lucta muito persistente e muito tenaz, que ultrapasse todas as que se tem feito. Porque, esta cousa de sermos sempre pacatos e esperarmos por favores de governantes, é o mesmo que esperar por sapatos de d'feuto.

Com pedidos de misericórdia, está mais que provado, nada se pôde conseguir. E tem s não muito longe o exemplo:—na França—a greve dos caixeiros de Paris.

Não digo que devemos tentar pela violencia o triumpho da nossa causa. Não. Nós devemos, diplomaticamente, em boa ordem, exigir os nossos direitos. Devemos reclamar do Estado a lei que por tantas vezes nos tem sido promettida.

Devemos organisarmo-nos de modo a merecer o respeito dos nossos governos, como classe grande, que somos.

E isto, podemos fazel-o muito facilmente:

Organisar comícios ou reuniões publicas, com caracter verdadeiramente independente, frisando-se bem que se vae, por essas reuniões, exigir a decretação do reponso periodico.

Fazermos nas nossas associações sessões de propaganda, com o fim de se introduzir em todos os caixeiros a ideia de que só pela lucta persistente e tenaz, se alcançará o que tanto desejamos.

E como por certo o corpo redactorial da *Fraternidade* haja comprehendido isto, nós lembramos-lhe, como amigos, que somos, que se dirija á imprensa da classe, para que esta toda reunida, inicie e dirija os trabalhos que, inquestionavelmente,

são de necessaria producção para bem da nossa causa.

Vae isto simplesmente como lembrança nossa, porque reconhecemos que sendo de limitadissimo numero o corpo redactorial d'este periodico e todos elles constantemente occupados em trabalho de profissão, difficilmente poderão dar expediente necessario e preciso ao trabalho pesado com que, por simples dedicação á nossa causa, vão hombrrear.

A lembrança fica aqui, e entendemos que não deverá ser desprezada, pois estamos bem certos que nenhum dos collegas da imprensa da classe se negará a tomar uma parte do trabalho a desenvolver.

Aguilhão.

O descanso por lei

Os trabalhos que este jornal se propõe encetar em favor da causa dos caixeiros, reclamam-lhe, não só muita attenção, como uma despesa avultada.

Por isso nós pretendemos dividir estes sacrificios por toda a classe, pedindo-lhe que nos auxilie n'esta empreza pesada, fazendo a maior propaganda do nosso humilde quinzenario, com a angariação de assignaturas. Porque nós não temos outros recursos monetarios para fazer face ás enormes despesas que temos, senão o producto das assignaturas, producto este que se torna insufficiente.

Appellande nós para todos os caixeiros, estamos bem certos de que não haverá um unico que, em face do justo pedido, deixe de nos prestar auxilio.

Auxiliem-nos, porque auxiliando quem lucta por uma causa justa, auxiliam a conquista da pretensão de todos os caixeiros.

Carvalho Junior

Felicitemos este nosso prezado amigo portuense, pela sua subida ao patronato.

Carvalho Junior é um d'aquelles que, nos ultimos tempos, com mais coragem se tem empenhado na lucta mantida em defeza da nossa causa; por isso podemos garantir que, na classe commercial, ha mais um defensor da nossa causa.

As nossas felicitações, muito sinceras, a Carvalho Junior, a quem desejamos, como ao seu socio sr. Reis, as maiores prosperidades.

Haja união e solidariedade, para se vencer.

Ruidos do Vez

II

Crete em que o luctar pela classe é para nós todos um dever sacratissimo, justo e indispensavel, humildemente recorro á penna, valendo-me da minha rude e obscura intellectualidade, para, nas columnas d'este nosso altiloquo profecto, bradar bem alto de fôrma que este grito entusiasta transbordando de energia resone por essas salas do parlamento em fóra, onde só ahí será discutido e immediatamente posto em lei o *descanso dominical*.

E' só simplesmente o *descanso dominical* por lei, o que milhares de corações anseiam e o que uma classe inteira reclama a cada momento.

Por isso, oh nobres estadistas e altos poderes governamentais, lembrae-vos só da unica classe que está privada da liberdade, da classe que de todo está desprotegida.

Trazei bem depressa essa lei que a cada instante e de braços abertos a esperamos, para, n'um extasi de alegria immensa e sofregos pela liberdade, cantaremos unanimamente *victoria!*

De todo estamos persuadidos e até quasi convencidos que o novo anno em que entramos, ou seja o de 1906, do que já vae decorrido um mez, nos traria esse almejado e eccoad *descanso*, que a tantos corações infortunios tem dado provas vagas, de que um dia se verão livres d'essa medonha prisão em que estão encarcerados, e cheios de jubilo, sairão todos em massa empunhando o estandarte victorioso, manifestando a sua adhesão, a sua força e a energia invencível de que dispuzeram para alcançar tão estrondosa e difficilissima causa.

Por isso, oh briosos e valentes rapazes, nunca percaes a esperança de um dia terdes e gozardes de todas as regalias que vós ha muito ambicionaes, pois que, os bravos da imprensa, nossos intimos defensores e propagandistas da nossa causa, saberão cumprir, ainda que para isso empregem os maiores sacrificios, o dever a que se impuzeram e a sua consciencia lhes dita, impetrando do governo uma lei obrigatoria, recta e geral para todos, para assim ficar patente e regularizado o *descanso dominical*.

Este pequeno periodico, que desde a sua fundação labuta e se tem esforçado o mais possivel em prol da nossa desventurada classe, vae agora mostrar mais uma vez onde chegam os seus desejos, a sua força, abrindo para isso uma rija campanha em favor da classe que de ha muito vem cobrindo com a capa gloriosa de um defensor incomparavel.

Para isso reclama a toda a imprensa o seu auxilio e protecção, na ardua tarefa que vae encetar.

Esta justa reclamação, que mais um allivio vem dar aos pobres escravos do balcão, que desde o romper d'alva até altas horas da noite labutam e se esforçam, vendo-se escravizados sem um momento, ao menos,

em que possam tomar alento e recuperar as suas forças, é digna e merecedora do auxilio de todos em geral. Todos o sabem e pensam e ninguém o contesta.

Bom seria que todos prestem ouvidos attentos a esta justa reclamação.

Realizou-se no dia 14 a eleição da direcção dos bombeiros voluntarios, ficando assim constituida:

Presidente, Conselheiro Gaspar d'Azevedo Araujo e Gama; vice-presidente, Joaquim Pereira Aranha; 1.º secretario, José Gonçalves d'Oliveira; 2.º secretario, Alfredo da Rocha Amorim; thesoureiro, Salvador Ave-lino de Sousa.

No dia 15 o corpo activo procedeu á eleição dos commandantes, sendo eleitos, para 1.º commandante o sr. Alberto Manoel Rodrigues e para 2.º o sr. Antonio José Rodrigues.

No dia 21 teve logar a posse dos mesmos, da qual todos de bom grado acceitaram.

Ao 2.º commandante eleito, o ex.º sr. Antonio José Rodrigues, que pela primeira vez vae accupar aquelle nobre e honroso logar, o estreita n'um amplexo infindo este seu carinhoso amigo.

Houve no dia 21, no theatro Teixeira Coelho, uma recita promovida pelos actores Augusto Cordeiro e Lucinda Cordeiro, do qual se saíram distinctamente. A orchestra, ragida pelo sr. José Gaspar da Costa Barbosa, que, para esse fim, escolheu um selecto e distincto repertorio, houve-se distinctamente, o que mereceu o applauso unanime de todos os espectadores.

Ao sr. Barbosa, pois, lhe reitera os seus sinceros parabens este seu presado amigo.

Ha dias tive o prazer de admirar um distincto trabalho calligraphico, de que é auctor o ex.º sr. Antonio da Costa Testa, dignissimo amanuense da camara municipal.

E' uma obra verdadeiramente artistica, que devéras honra muitissimo o seu auctor, que apesar de não ter o curso de calligraphia, mostra a grande habilidade que possui para trabalhos d'aquella ordem.

Ao meu estimado amigo Antonio, cordealmente o felicito pela distinctissima obra que apresentou.

Arcos, 25.

Magalhães Junior.

«Centro de Novidades»

O nosso presado amigo sr. Fernando Miranda, enviou-nos dois lindos brindes, para 1906, do seu acreditado estabelecimento «Centro de Novidades».

Agradecendo, aproveitamos a occasião de recommendar ao publico o bem montado estabelecimento do nosso amigo, onde se encontram á venda:—artigos de papelaria e escriptorio, livros, artigos de novidade, chromos, etc., etc.

LITTERATURA ESCOLHIDA

A PASTORINHA

(INEDITO)

A. D. T. D. F.

Era Arminda, a pastorinha,
Da montanha a linda rosa,
Uma pobre orphãsinha
Tão triste como formosa.

No monte frondoso,
seu canto mimoso
Soltava, dolente,
Linda pastorinha
E pobre orphãsinha
D'idade ridente.

—E's mais feliz andorinha,
Pois tens ninho nos casaes,
Que a pobre orphãsinha
Que não sabe o que são paes.—

Os rios no monte,
As aguas da fonte
Só desprendem ais:
Mas não com Arminda
N'essa dôr infinda
—Ser orphã sem paes!

Sem sequer uma avósinha
Que lhe servisse de mãe,
A pequena pastorinha
Nem essa alegria tem.

Sósinha na terra,
Vivia na serra
Cantando nos montes
Mais triste cantar
Que o murmurar
Das aguas da fontes.

E' creada da Morgada
Q'os rebanhos apascenta,
Descalça pela geada
Sem abrigo p'ra tormenta.

Nos altos dos cêrros
O latir dos pèrros
Se ouve feroz;
E' lobo tamanho
Que vem ao rebanho,
Raivoso, veloz.

Crava as garras em Arminda,
Q' o rebanho quer guardar,
E dá-lhe a vida por finda,
Acabando o seu penar.

Morreste novinha,
O' pobre orphãsinha,
E foste p'ros céus
Em busca dos paes
E achal-os vae
Fraíndo de Deus.

Mais vale á orphãsinha
Morrer na hora primeira,
Do que ser desgraçadinha
Durante uma vida inteira.
22-1-906.

Luisillojo.

Julio dos Santos

Retirou de Coimbra para Lisboa, este nosso estimado amigo e collega que, por algum tempo, exerceu, com muita competencia, saber e zelo, o cargo de nosso correspondente n'aquella cidade. Alegra-nos porém, o favor que aquelle collega nos prestou, indicando-nos um seu amigo, tambem de muita competencia, para o substituir no mesmo cargo.

A Julio dos Santos, desejamos muitas felicidades, e esperamos que este jornal continue a merecer a honra de inserir os seus apreciaveis escriptos.

Carta do Porto

Por ter chegado tarde, não saiu em nosso numero passado a carta do nosso amigo e collega Baptista Junior. Inserir-mo-á hoje, com a da presente quinzena, pedindo do acontecido desculpa áquelle nosso presado companheiro.

O povo salariado e opprimido, deve luctar com energia pela sua Liberdade.

Divagando

A mulher

Tem-se escripto tanto e tantas coisas ácerca da mulher que ella, justamente envaidecida, pôde considerar-se bem mais feliz que o santo mais milagreiro e favorito para um povo ou, mesmo, para toda a humanidade.

Este culto é antiquissimo e vem desde o primeiro homem se nos lembrarmos que Adão a adorou mais que a Deus, pois que para fazer a vontade á sua Eva desrespeitou as ordens do Creador e, por esse facto, arrastou-se, com todos os seus descendentes cá para baixo, para este valle de lagrimas onde se quizermos comer uma maçã temos de a comprar por bom preço a uma regateira de praça, muitas vezes bem peor que a serpente do paraizo.

Nada ha sem defeitos e por isso mesmo, alguém me, poderá perguntar se este culto consagrado á mulher é ou não justo.

A minha resposta não poderá agradar a todos, porque cada cabeça cada juizo e Deus me livre de pretender harmonisar os pensamentos dos outros com os meus.

Eu penso que este culto de sublime veneração que consagramos á mulher, embora seja justo, se assim o quizerem, é comtudo prejudicial.

Devemos amal-a, é certo, como companheira destinada ao homem n'esta lucta incessante da vida, porque ella, só ella, sabe os segredos de suavisar dôres áquelles que choram e de transformar em rosas os mais estereis espinhos. Porém esse dote especial com que a natureza a dotou só o apresenta quando quer, porque d'outras muitas vezes póde fingil-o, pois já alguém d'ella disse:

«Quanto mais simples tanto mais doleosa
Tanto mais torpe, quanto mais formosa;
Quando mostra doçura é mais acerba;
Quando ostenta humildade é mais soberba.»

Mas a quem deve ella as perfidias com que de vez em quando presenteia esses que a elevam ao setimo céu da idolatria?

A' vaidade, e este defeito é-lhe dado por nós mesmos, porque a julgamos um ente muito superior ao homem e lh'o confessamos em lances de amabilidade ou de amor. A mulher, em qualquer parte que appareça, é sempre o objecto dos nossos olhares e prende todas as nossas attentões de fôrma tal que, cada um, á porfia, disputa ou procura o melhor meio de lhe patentear a sua soberania sobre o homem. Desde criança é assim tratada por nós que somos prodigos em amabilidades para com ella e, por isso, se, mais tarde, envaidecida e orgulhosa, nos tomar como reptis, se nos escarnecer, nós não a devemos criminar da sua vaidade, porque esse defeito só a nós o deve. Por uma educação defeituosa nós julgamol-a rainha emquanto

que nos gabamos de ser baixos escravos do seu poderio.

Perante ella somos tímidos e mais alguma cousa de peor: somos adulares e cobardes, porque se tem defeitos elogiámo-los na presença para os ridicularisarmos na ausência.

Não é raro o caso d'uma qualquer mulher, verdadeira ou aparentemente apaixonada por um homem, com milhares de juramentos d'eterno amor formados, trocar esse escravo por outro, e isto origina sempre, pelo menos, umas conversas que ambos, *debaixo de todo o segredo*, dizem ás pessoas mais amigas e onde a hora e brio de cada descontente é mergulhada na mais immunda lama. O outro pretendente que substitue o primeiro é mal visto por este, por os seus amigos, e se tambem a não leva á igreja outra substituição virá fatalmente a soffrer. Poderão vir dois, tres ou quatro, mas todos elles ao fim do namoro desdirão o que antes juraram, isto é, a que para elles era a melhor mulher do mundo é agora o peor diabo do inferno.

É mesmo o que tiver a dita de se casar com ella, passados breves dias diz com os seus botões e aos outros ainda solteiros: — «Eu casei me e graças a Deus dou-me muito bem; mas olhem que não ha vida como a de solteiro».

Todos os dias ouvimos isto e, portanto, resulta que a mulher, unica por nós criminada, é devéras má e insociável a nós. Mas se é, para que a procuramos e para que a envaidecemos? A mulher não é fera que seja necessario domar. Não; ella é fraca, conhece a sua fraqueza e inferioridade ao homem; nós, porém, é que a tornamos orgulhosa com os nossos elogios, com uns milhares d'amabilidades que lhe dispensamos, e com o nosso servilismo cobarde. Além d'isso, muitas vezes, nós abusamos da sua boa fé, fazêmo-la crer na nossa dedicação quando é só fingida e depois arremessamo-la ao charco immundo, do vicio. Do nosso abuso e da nossa idolatria, nasce a sua desconfiança, a sua inconstancia e todos esses defeitos que lhe apregoamos. Se para com ella fossemos francos e sinceros, se tivéssemos menos amabilidades e servilismos e mais d'esse direito de superioridade com que mais tarde nos investimos, ella não seria a causadora de tantos desgostos, nem victima forçada para nós de tão maus epitetos, quando *por nós mesmos* corrompida e levada á pratica d'um engano, d'um esquecimento ou d'um crime. A culpa é nossa e já Alexandre Herculano disse que ella se tem defeitos nol-os deve. A peor qualidade para uma mulher é a vaidade e ella adquire-a n'esse culto que lhe prestamos n'esses galanteios que lhe dirigimos.

*

Para se fazer a analyse d'uma mulher é necessario não só estudar os seus principios, a sua vida e o meio em que vive, mas tambem que o analysta não seja apaixonado amante nem celibatario incorrigivel, porque o primeiro faria d'ella uma epopeia de louvores e o segundo um hediondo phantasma de perfidias. Como amante tanto vae até ao sacrificio, como esquece o adorado. Como esposa é thesouro inexgotavel de carinhos, mesmo, muitas vezes, quando o marido troca o doce inórno do leito pelo ambiente asphyxiado d'uma batata, pelas desregradas libações na taberna ou pelo fetido lupanar. N'estes casos quanta resignação é necessaria para essas almas não romperem em vulções de colera? Só ella — a boa mulher, a santa do lar — a tem.

É se a não tem, se repudia o marido que a enganou e engana não é com mais do que justificados motivos?

Como mãe, é mãe e este nome não se define.

Ha-as desnaturadas, mas são poucas; e tambem ha santas que foram peccadoras.

Em resumo, ninguem como ella sabe fingir e as lagrimas são as suas armas mais potentes para nos combater.

Se muitas vezes são falsas, quantas o são verdadeiras?

Que torrentes de benções não espalha por este mundo? tem defeitos?

Já que lh'os démos, arranquem-os e ava lie-se não como amante com motivos para ciúmes, mas como esposa d'homem digno e mãe estremecida.

Leisilcojo.

«A Voz do Caixeiro»

Os empregados da typographia onde é feito este jornal, deixaram de publicar no n.º 20, inserindo-o em o numero passado, a noticia que saiu com o titulo acima, dizendo-se que já recebiamos «A Voz do Caixeiro».

Isto, agora, não é verdade. Foi certo termos recebido uns quatro ou cinco numeros, porém, agora, e sem sabermos a razão, não nos tem sido enviado o collega de Lisboa «A Voz do Caixeiro».

Serão irregularidades do correio, ou da administração do jornal? Não sabemos. Mas o que é certo, é que ha quatro semanas não recebemos o jornal referido.

Frasco Junior

Foi eleito secretario da Associação de Classe dos Empregados do Commercio da Povoia de Varzim, o nosso presado amigo e correspondente d'este jornal n'aquella villa, o collega Frasco Junior.

Felicitemos, por este facto, a sympathica aggremação, porque sabemos ser aquelle nosso collega um activo propagandista da causa da classe.

CARTAS DO PORTO

(Atrazado)

Estamos n'um paiz que, se fosse bem administrado e com um regimen sinceramente liberal, devido á sua situação geographica, seria um dos primeiros do mundo, como já foi n'outras éras. Actualmente reina um despotismo de tal ordem que prejudicando altamente o desenvolvimento nacional nos prejudica tambem. Se houvesse liberdade e os deputados não fossem nomeados pelo ministerio do reino, nós, caixeiros, enviaríamos lá um dos nossos ainda que não fosse senão por accumulção de votos em todo o paiz, e dizendo da nossa justiça já teríamos sem duvida um dia de liberdade, descanso e independencia assegurado por lei, como em todas as nações civilizadas está estabelecido.

O Porto, justamente aclamado pelas suas tradições liberaes e pelas suas decisões energicas, cahiu tambem debaixo das garras d'este despotismo sendo dominado por meia duzia de syndicatos que, favorecidos pelo governo, fazem quantas tratantadas querem, a começar pelo roubo das eleições.

Antigamente o Porto tinha a independencia precisa para se impôr á immoralidade de qualquer governo corrupto; ainda não ha muito festejava o grande navegador Infante D. Henrique e Garrett; presentemente está reduzido a festejar o Carnaval e com restricções!

No entanto ainda espero ver não só no Porto como em todo o paiz melhores dias, quando todos os patriotas se resolverem a assegurar o progresso e a civilização implantando a *Liberdade*.

—Em Coimbra a Associação Commercial empenhou-se de veras para conseguir o descanso convencional. Faço os mais ardentes votos para que a mesma collectividade, caso falhe esta tentativa, empregue todos os esforços para assegurar por lei tão generoso emprehendimento.

Mesmo não tem outro caminho a seguir querendo ser correcta e coherente, e é isso que confiadamente espero.

—Entrou no quinto anno da sua publicação *A Luz do Commercio*.

Noticiando este anniversario apenas tenho em vista prestar homenagem á dedicação de meia duzia que, sacrificando o seu descanso e a sua bolsa, sustentam o pharol das nossas reivindicações illuminando o cerebro de muitos obscuros e humildes caixeiros, deixando-lhes antever que as suas aspirações de liberdade e bem estar serão um dia realidade e tanto mais breve quanto o maior numero se fór convencendo de que a união, a tenacidade e a persistencia são a alavanca indispensavel para o seu triumpho.

13-1-1906.

Baptista Junior.

«A Fraternidade» vae trabalhar pela lei do descanso domi-

nical! Projecta uma representação collectiva da imprensa nacional!

Muito bem, muito bem, approvo este como todos os trabalhos que visem este fim; a imprensa que no plebiscito aberto pela *Luz do Commercio* apoiou abertamente esta reivindicação não deixará de animar, coadjuvar e secundar tão generosa iniciativa.

Luctar e luctar sempre até ao triumpho, com fé, enthusiasmo e dedicação deve ser a orientação do caixeirato português e pena é que assim não seja, por exemplo: os nossos collegas de Lisboa, que tão boa influencia podiam exercer junto do governo, nada fazem; tiveram um ministro que declarou antes de o ser que o descanso d'um dia por semana se impunha por ser indispensavel e não affixaram esta opinião por todas as esquinas, ruas e travessas!

Tiveram um ministro do reino que enviou ha annos, quando na pasta das obras publicas, um delegado ao Congresso internacional do Descanso Dominical e não lh'o fizeram sentir!

Disse alguem, em Coimbra, fechar ao domingo as portas do commercio é abrir um pouco as da liberdade; isto é uma grande verdade, portanto sendo a população de Lisboa tão democratica seria bem facil promover comícios a favor da lei e manifestações com o mesmo fim em frente á casa dos ministros.

Os trabalhos dos congressos, cuja iniciativa pertence ao Porto, embora tenham dado bons resultados como a apresentação dos projectos de lei que existem nas duas Camaras, não eram prejudicados por estas manifestações, pelo contrario, era o melhor auxilio que se lhes podia dar. A questão era haver muita fé e enthusiasmo que os meus amigos Sá Pereira e Julio Silva com a sua palavra arrebatadora e eloquente podiam despertar nos caixeiros de Lisboa organisando-os para a lucta.

Querer é poder, e se todos assim pensarem em todo o paiz a victoria seria nossa. N'esta cidade os delegados das associações commerciaes trabalham activamente, creio que pensam em conseguir da Camara uma postura; se a Camara a estabelecer é um exemplo a seguir pelas restantes Camaras do paiz; creio bem que o municipio ha de querer ser agradavel a tão importante commissão, que tem por seu lado a imprensa e toda a cidade; se assim não fór é de esperar da energia e enthusiasmo dos homens que a compõem as decisões energicas, não desanimando sem conseguir do governo qualquer solução d'um problema tão simples como este em que agora se empenharam; e digo simples por que já está resolvido em todas as nações civilizadas. Teimar, teimar sempre, que agua molle em pedra dura...

—Reis & Carvalho é uma nova firma commercial, estabelecida na rua da Assumpção, 97, de que faz parte o nosso amigo Carvalho Junior. Explora

o negocio de cervejaria, tabacos e artigos de iluminação.

Muitas prosperidades é o que de todo o coração lhe desejo.

20-1-1906.

Baptista Junior.

«A Fraternidade» pede aos seus assignantes e correspondentes, o favor de por um postal, lhe indicar o titulo e sede das redacções dos jornaes que se publicam na respectiva localidade, para lhes podermos enviar a circular peticionando o apoio da imprensa aos trabalhos que, para a abstenção por lei, nós vamos iniciar.

Correspondencias

Povoa de Varzim, 25

Eleição—Realizou-se ha dias uma assembleia geral para eleição dos corpos gerentes da Associação dos Empregados do Commercio da Povoa de Varzim no anno corrente.

Depois de uma pequena discussão foi approvada a seguinte lista:

Conselho director—Presidente, Antonio Baptista Gomes Ferreira; thesoureiro, João Pereira de Campos; 1.º secretario, João Francisco Frasco Junior; 2.º secretario, Belmiro Caetano Calafate; vogal, Avelino Rodrigues da Silva.

Assembleia geral—Presidente, José d'Araujo Pinto; 1.º secretario, Augusto Filipe de Carvalho; 2.º secretario, Pedro Monteiro de Mesquita.

A parte os srs. presidente e thesoureiro, que foram os seus fundadores, é composta de novos nas lides associativas os directores da nossa sympathica associação de classe. Não obstante isso sabemos estarem todos os membros animados da melhor vontade para trabalharem a valer pelas regalias dos caixeiros e, consequentemente, pela prosperidade da nossa querida associação, interpretando assim o sentir d'aquelles que os elegeram para os cargos que vão desempenhar.

Com o correr do tempo iremos dizendo nas columnas da *Fraternidade* dos trabalhos da nova direcção.

Por agora limitamo-nos a felicitar os nossos queridos amigos pela confiança que os caixeiros povoenses acabam de lhes depositar e fazemos votos para que aqui possamos sempre louvar os seus actos associativos.

Até lá, pois.

Aniversarios—Passou no dia 7 do corrente o anniversario da sr.ª D. Rosalina de Faria Pinheiro, dedicada esposa do conceituado commerciante d'esta praça e assignante d'este jornal sr. José Eduardo Pinheiro.

O nosso cartão de felicitações.—No dia 11 do corrente completou 20 primaveras o nosso presado collega sr. Avelino Rodrigues da Silva.

O humilde correspondente da

Fraternidade não podia deixar de n'estas columnas felicitar muito sinceramente um dos seus mais dilectos amigos, possuidor de um grande e bondoso coração, e com quem de ha longos annos tem mantido a mais franca e leal amizade.

Enviamos, pois, a Avelino Silva um cordealissimo abraço e fazemos votos sinceros pela conservação de sua preciosa saude para assim ver realizados os seus sonhos...

Frasco Junior.

Setubal, 22

DUAS DATAS

22-1-905 — 22-1-906

A primeira representa para nós, caixeiros setubalenses, uma data gloriosa e um brilhante passado.

A segunda representa uma data cheia de paz, união e solidariedade.

Sobre a primeira lembrame hoje, e com saudades, esse dia em que no salão nobre da camara municipal d'esta cidade, se fizeram ouvir os verdadeiros apóstolos do movimento caixeiral, os apologistas sinceros, de bem, de verdade e de justiça: os quaes proclamaram bem alto, quaes as necessidades do caixeiro portuguez.

Mas um anno vae decorrido após e a realisação d'essa grande e insignificativa festa do 7.º anniversario da associação dos empregados de commercio local, e, apesar de decorrido um anno, sinto ainda a mesma alegria, o mesmo entusiasmo que n'esse dia senti, quando pela primeira vez ouvi falar valorosas e intemeratos defensores da nossa opprimida classe, entre os quaes figuravam Alberto Nazareth, Julio Silva, Raul Pires, Sá Pereira, Annibal Martins e Joaquim Brandão, e muitos outros, que nos seus vigorosos discursos pediram justiça e só justiça para as justas pretensões do caixeirato portuguez: o que infelizmente ainda nos não foi feito.

Sobre a segunda? digo, data cheia de paz e união, porque felizmente vejo que a classe local, comprehendeu quaes os seus deveres que eram, associando-se, e reclamando mas de cabeça erguida e não cabisbaixo o que de justiça lhe pertencia.

Foi pois isto, que ha bem pouco deu provas, unindo-se todos debaixo da mesma bandeira que só tem por lema: —Igualdade e Fraternidade...

Viva a Associação dos Empregados no Commercio de Setubal.

Viva a Classe dos Caixeiros Portuguezes.

A. V. E.

Brinde

O sr. Avelino Ayres Duarte honrou-nos com a offerta de um chic brinde-calendario para 1906, da importante companhia de seguros, da qual é agente em Barcellos — «La Union y el Fenix Español».

O nosso agradecimento.

ECCOS

Uma gallinha notavel

Na Suissa celebrou-se ha poucos dias o jubileu d'uma gallinha que até hoje tem posto nada menos de mil ovos, e que, por tal facto, se tornou digna de admirações. Nas casas trapejava a bandeira federal; a população, de musica á frente, foi cumprimentar a interessante ave, que na verdade tem feito mais pela humanidade do que muitos homens. Houve discursos, trocaram-se brindes calorosos, o diabo!

E tudo por causa d'uma gallinha!...

Flirt telephonico I

Um millionario de Chicago, mister Oscar Lewis, intenta uma acção de divorcio contra sua esposa, accusando-a de ter trocado... um beijo com um seu admirador, não de labios para labios, mas de receptor para receptor.

Não é a primeira vez que na historia do telephone, este pequeno aparelho electrico tenha sido inculcado de desempenhar o papel de... intermediario!

Mas é muito bem feito: andaram por esse mundo fóra a accusar o telephone de transmittir expressões pouco galantes; agora, o referido aparelho trata de se desferrar. Achamos justissimo, posto que reconheçamos que os beijos dados por essa fórmula não podem, de maneira alguma, ser tão affectivos como os transmittidos de labios a labios. E crêmos que todos serão d'esta opinião.

Custo de uma mulher

Na Uganda, uma boa esposa custa, em média, quatro toiros, uma caixa de cartuchos de espingarda e seis agulhas de coser. Uma mulher cafe, segundo a classe social da sua familia, vale duas a dez vaccas. Na Tartaria, o sogro quer que se lhe dê manteiga a troco da filha. Entre os mishmis, um homem rico paga a mulher por vinte bois; mas, se fôr pobre, póde ter companhia logo que possua um porco. Em Timorlan, um homem não casará se não tiver dentes de elephant. Entre os fidjianos torna-se preciso um dente de baleia. Finalmente, nos selvagens da região de Maugoni, arranja-se cara metade logo que se disponha de duas pelles de ganso. Em algumas aldeias, basta até uma unica!

Pois, senhores, estamos n'um paiz em que a mulher é que póde dizer quanto lhe custa o homem.

Mais conto de réis, menos conto de réis, logo que seja rica arranja marido com toda a certeza, nem que seja feia como um bode!

A «Fraternidade», para o bom exito dos trabalhos que para a conquista do descanso dominical por lei vae encetar, pede á classe a maior propaganda d'esta causa, a maior união e lealdade.

Contra as disposições do céu, não valem diligencias humanas.

LIVROS & JORNAES

«Anuario do Districto de Braga»

Já foi posto á venda este valioso elucidario, com informação de todos os concelhos d'este districto, pelo que se torna indispensavel a todas as repartições publicas, casas commerciaes, industriaes, bancos, advogados, medicos, pharmaceuticos, proprietarios e agricultores.

É uma edição de luxo, illustrada com retratos e biographias, impressa em papel especial.

Tem a descripção minuciosa da cidade de Braga e de todas as auctoridades, funcionarios publicos, jurados commerciaes e criminaes, juntas de parochia, lyceus, etc., nos concelhos de Braga, Amares, Barcellos, Cabeceiras, e Celorico de Basto, Espozende, Fafe, Guimarães, Povoa de Lanhoso, Terras do Bouro, Vieira, Villa Nova de Famalicão e Villa Verde.

É, finalmente uma obra completa, pelo que a recommendamos a todas as pessoas.

É o *Anuario do Districto de Braga*, para 1906, editado pelo nosso collega «A Folha do Minho» e dirigido pelo sr. Laurindo Costa Costa o volume de 500 paginas, impresso em bom papel, 500 réis; e pelo correio, 550.

Dirigir pedidos á *Empresa Editora de «A Folha do Minho»*, rua Rodrigues de Carvalho, 46, 1.º Braga.

Os meus olhos, de chorar, Fizeram covas no chão. Coisa que os teus não fizeram, Não fizeram nem farão.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.º 110 S.º